

Uma Promessa de Dinastia para Davi na Ótica de Jerusalém

Anotações sobre Messianismo e Davidismo em 2Samuel 7¹

Prof. Dr. Milton Schwantes

RESUMO

2Samuel 7 anuncia uma “casa”/dinastia a Davi. A rigor, também prevê uma “casa”/templo, se bem que não para Davi, mas a seu sucessor. Esta casa/dinastia é prevista “para sempre”. A redação deste cap.7 incorpora, certamente, pessoas de muitas gerações e vários séculos. De certo modo, 2Samuel é um compêndio de experiências e gerações, que viveram vidas messiânicas. Entendo que as redações finais se situam antes em uma visão jerusalemitana (veja Salmo 132) do que judaíta (como 1Samuel 16 até 2Samuel 5).

Palavras-chave: messianismo, davidismo, Natã, 2Samuel 7, templo-messias.

ABSTRACT

2Samuel. 7 announces “house”/dynasty to David. The rigidity, also foresees a “house”/temple, even though not for David but for his successor. This house/dynasty is foreseen “forever”. The composition of this chapter 7 incorporates, certainly, people of many generation and various centuries. In certain way, 2Sammuel is a résumé of experiences and generations, that lived messianic lives. I understand that they situate the final essays before in a jerusalemic vision (look Psalm 132) other than Judaic (like 1Sammuel 16 to 2Sammuel 4).

Keywords: messianism, davidism, Nathan, 2Sammuel 7, temple-messiah.

¹ Este ensaio faz parte de estudos sobre o messianismo à luz de textos do Primeiro Testamento. Veja a respeito as próximas duas notas.

INTRODUÇÃO

2Samuel 7 desempenha papel importante na trajetória do messianismo. De imediato vem à mente, quando nossa temática das esperanças messiânicas está em jogo. Afinal, Natã promete “casa” a Davi. Há quem se habituou a localizar o nascimento de davidismo e messianismo nestas promessas de Natã.

Por certo, a questão é bem mais complexa. 2Samuel 7 não é o ponto de partida suficiente para nossa temática. Tão-somente nos poderá servir de porta de entrada. Ainda teremos oportunidade para verificá-lo.

Mas, isso não significa que 2Samuel 7 não tenha relevância. Só quer dizer que talvez não tenha aquela importância, quase exclusiva, que lhe poderia ser atribuído. A seu lado existem diversos textos, igualmente referentes aos primórdios da história do povo de Deus. Trata-se de situar 2Samuel 7 em meio a eles. Aí não perderá seu significado. Mas, deixará de estar tão isolado. Neste nosso ensaio, procurarei mostrar que 2Samuel 7 não deve ser isolado. A gente o entende melhor, quando o comparamos a textos que lhe são similares, tais como a História da Ascensão (1Samuel 16 até 2Samuel 5)², o Dito sobre Judá em Gênesis 49³ e partes de Números 22-24. Tratarei de situar 2Samuel 7 neste contexto literário e temático mais amplo.

Na Igreja antiga, 2Samuel 7 não costuma ser ponto de partida, quando se fazia uma leitura messiânica do Antigo Testamento. Anúncio messiânico via-se já em *Gênesis 3,15*. Na maldição de serpente (v.14-15), lê-se: “porei inimizade entre ti (= serpente) e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (tradução de Almeida). Entendia-se esta passagem como referência ao Cristo em sua luta contra o mal. O descendente seria Cristo; a serpente é identificada com satã. Nesta interpretação, Gênesis 3,15 seria o primeiro anúncio do mes-

² Veja Milton Schwantes, “Elementos de um projeto econômico e político do messianismo de Judá - Gênesis 49,8-12 – Uma antiga voz judaíta interpretada no contexto da História da Ascensão de Davi ao Poder (1Samuel 16 até 2Samuel 5)”, em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis/São Leopoldo, Editora Vozes/Editora Sinodal, vol.48, 2002, n.2, p.25-33.

³ Veja Milton Schwantes, “O davidismo messiânico na ótica de Judá – A história da Ascensão de Davi (1Samuel 16 – 2Samuel 5)”, em *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo/UMESP, vol.27, ano 18, 1997, p.187-194.

sias. Esta passagem é, pois, designado de “proto-evangelho”, de primeiro evangelho.

Ainda que a interpretação messiânica de Gênesis 3,15 tenha feito escola e esteja difundida, não é adequada ao texto bíblico. Há um argumento básico para perceber sua limitação. É o seguinte: no versículo em questão, “descendente”, sem dúvida, tem sentido coletivo. É igual a “descendência”. Não se refere, a uma pessoa específica, mas a toda espécie humana. Gênesis 3,14-15 se refere, pois, à inimizade entre pessoas e serpentes, como espécies. Portanto, não convém que se parta de Gênesis 3,15. Este texto só adquire sentido messiânico a partir de uma exegese em métodos antigos, alegóricos.⁴

Concentremo-nos, pois, em *2Samuel 7*.⁵

⁴ A respeito destes versículos, veja Gerhard von Rad, *El libro de Génesis*, Salamanca, Sígueme, 1977, p.111-112 (Biblioteca de Estudios Bíblicos, 18), e Claus Westermann, *Genesis 1-11*, Neukirchen, Neukirchener Verlag, 1970, p.354-355 (Biblicher Kommentar Altes Testament, 1/1)). Confira também João Mehlmann, “Suplemento à História da Interpretação de Gênesis 3,15”, em *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo, Loyola, vol.22/9, 1958, p.211-223; Luís Gonzaga da Fonseca, “A ‘mulier’ do proto-evangelho (Gênesis 3,15) à luz do evangelho”, em *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo, Loyola, vol.3/12, 1959, p.149-169.

⁵ A respeito de *2Samuel 7* indico a seguinte bibliografia:
Teodorico Ballarini, *Josué-Juizes-Rute- 1+2Samuel - 1+2Reis*, Petrópolis, Vozes, 1976, p.121-128[com ampla bibliografia] (Introdução à Bíblia, 2/2)
Gilberto Gorgulho, “A profecia de Nattan em *2Samuel 7,1-17*”, em *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo, Loyola, vol.11/12, 1962, p.59-70
Pedro Kramer, *Teologia da berit na exegese dos últimos cinquenta anos*, Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1978 (dissertação de mestrado)
Gerhard von Rad, “Los comienzos de la historiografía en el antiguo Israel”, em *Estudios sobre el Antiguo Testamento*, Salamanca, Sígueme, 1976, p.141-176 (Biblioteca de Estudios Bíblicos, 3)
Milton Schwantes, “Natã precisa de Davi - Na esperança da igreja profética”, em *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, vol.18, 1978, p.99-118
Frank Crüsemann, *Der Widerstand gegen das Königtum - Die antiköniglichen Texte des Alten Testaments und der Kampf um den frühen israelitischen Staat*, Neukirchen, Neukirchener Verlag, 1978, p.180-193[com avaliação da pesquisa anterior] (Wissenschaftliche Monographien zum Alten um Neuen Testament, 49)
Tomoo Ishida, *The Royal Dynasties in Ancient Israel*, Berlim, Walter de Gruyter, 1977 (Beiheft zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, 142)
Jörg Jeremias, “Lade und Zion - Zur Entstehung der Ziontradition”, em *Probleme biblischer Theologie*, Munique, Christian Kaiser Verlag, 1971, p.183-189
Ernst Kutsch, “Die Dynastie von Gottes Gnaden”, em *Zeitschrift für Theologie und Kirche*, Munique, vol.5, 1961, p.137-153
Martin Noth, “David und Israel in 2. Samuel 7”, em *Theologische Bücherei*, Munique, Christian Kaiser Verlag, vol.6, 1966, p.334-345

¹Quando o rei foi residir em sua casa e o Senhor lhe concedeu repouso, afastando da vizinhança todos os seus inimigos, ²o rei disse ao profeta Natã⁶: “Vê, eu resido numa casa de cedro, enquanto a arca de Deus se encontra no meio de uma tenda feita de lona”. ³Natã respondeu ao rei: “Tudo o que tens a intenção de fazer, vai e executa-o, pois o Senhor está contigo”. ⁴Ora, essa mesma noite a palavra do Senhor veio a Natã, nestes termos: ⁵“Vai dizer ao meu servo Davi: Assim fala o Senhor: Serás tu que me construirás uma casa para que nela eu resida? ⁶Em casa alguma residi desde o dia em que fiz subir do Egito os filhos de Israel até o dia de hoje. Andei perambulando sob uma tenda, abrigado numa morada. ⁷Durante todo o tempo em que caminhei com todos os filhos de Israel, porventura dirigi uma só palavra a uma das tribos de Israel que estabeleci, apascentando Israel meu povo, para dizer: ‘Por que não me edificastes uma casa de cedro?’ ⁸Agora dirás ao meu servo Davi: Assim fala o Senhor de todo poder: Fui eu que te tirei das pastagens, de detrás do rebanho, para seres o chefe de Israel, meu povo. ⁹Estive contigo em toda parte por onde andaste. Destruí diante de ti todos os teus inimigos. Eu te fiz um nome tão grande quanto o nome dos grandes da terra. ¹⁰Determinarei um lugar para Israel, meu povo; eu o implantarei e morará em seu lugar. Não mais tremerá, e criminosos não voltarão a oprimi-lo como outrora,

Lothar Perliitt, *Bundestheologie im Alten Testament*, Neukirchen, Neukirchener Verlag, 1965, p.119-253 (Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament)

Leonard Rost, “Die Überlieferung von der Thronnachfolge Davids”, em *Das kleine Credo und andere Studien zum Alten Testament*, Heidelberg, Springer Verlag, 1965, p.119-153

Konrad Ruprecht, “Der Tempel von Jerusalem”, Berlim, Walter de Gryuter, 1976, p.62-78[com avaliação da pesquisa anterior] (Beiheft zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, 144)

J. Alberto Soggin, *Das Königtum in Israel - Ursprünge, Spannungen, Entwicklung*, Berlim, Walter de Gryuter, 1967 [Beiheft zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, 104]

Fritz Stolz, *Das erste und zweite Buch Samuel*, Zürich, 1981 (Zürcher Bibelkommentare AT, 9)

Ernst Würthwein, *Die Erzählung von der Thronfolge Davids - Theologische oder politische Geschichtsschreibung?*, Zürich, 1974 (Theologische Studien, 115)

Walther Zimmerli, “Sinaibund und Abrahambund”, em *Theologische Bücherei*, vol.19, Munique, Christian Kaiser Verlag, 1963, p.205-216

⁶ Ou: “Natan”, como está na *Tradução Ecumênica da Bíblia*.

¹¹e como desde o dia em que instituí juízes sobre Israel, meu povo. Eu te darei repouso, afastando todos os teus inimigos. E o Senhor te anuncia: o Senhor te fará uma casa. ¹²Quando teus dias estiverem completos e repousares com os teus pais, elevarei tua descendência depois de ti, um descendente gerado por ti mesmo, e estabelecerei firmemente sua realeza. ¹³Será ele que construirá uma casa para meu nome, e eu estabelecerei para sempre seu trono real. ¹⁴Eu serei para ele um pai, e ele será para mim um filho, e se cometer alguma falta, eu o corrigirei, servindo-me de homens como bastão e de humanos para nele bater. ¹⁵Mas minha fidelidade não se afastará dele, como a retirei de Saul, a quem afastei de diante de ti. ¹⁶Tua casa e tua realeza serão para sempre estáveis diante de ti, e teu trono, confirmado para sempre”. ¹⁷Foi conforme todas estas palavras e conforme toda esta visão que Natã falou a David.

¹⁸O rei David veio sentir-se na presença do Senhor, e disse: “Quem sou eu, Senhor Deus, e qual é minha casa, para que me tenhas feito chegar até aqui? ¹⁹Mas isso era ainda pouco aos teus olhos, Senhor Deus, e falaste também para a casa de teu servo para o futuro longínquo. Essa é a lei do homem, Senhor Deus. ²⁰E o que poderia David ainda te dizer, pois tu mesmo conheces o teu servo, Senhor Deus? ²¹Por causa de tua palavra e conforme o teu coração, completaste esta grande obra, dando-a a conhecer ao teu servo. ²²Tu és grande, Senhor Deus, não há ninguém igual a ti, e não há Deus além de ti, segundo tudo o que ouvimos com os nossos ouvidos. ²³Que outra nação há sobre a terra semelhante a Israel, teu povo, esse povo que Deus resgatou para fazer dele seu povo, dando-lhe um nome e realizando em vosso favor esta grande obra e por teu país coisas terríveis? Que nação é comparável ao teu povo, que resgataste do Egito, dessa nação e de seus deuses? ²⁴E tu estabeleceste Israel como teu povo, para fazer dele teu povo para sempre, e tu, Senhor, te tornaste Deus para eles. ²⁵E agora, Senhor Deus, a palavra que pronunciaste sobre teu servo e sobre sua casa, guarda-a para sempre e faz como disseste. ²⁶Que teu Nome seja exaltado para sempre, e que se diga: ‘O Senhor de todo poder é Deus sobre Israel’. E que

a casa de teu servo David permaneça firme em tua presença. ²⁷ De fato, foste tu, Senhor de todo poder, Deus de Israel, que preveniste o teu servo, dizendo: “Eu te construirei uma casa”. Por isso teu servo teve coragem de te dirigir esta oração. ²⁸ E agora, Senhor Deus, tu és quem és, Deus tuas palavras são verdade e comunicaste essa felicidade ao teu servo. ²⁹ Queira pois, abençoar a casa de teu servo, para que ela permaneça sempre na tua presença. Pois foste tu, Senhor Deus, que falaste, e pela tua bênção a casa de teu servo será abençoada para sempre.”⁷

1. POSIÇÃO LITERÁRIA

2Samuel 7 ocupa *um lugar muito especial*. Percebemo-lo quando atentamos para a composição literária dos dois livros de Samuel.

Antecedem a 2Samuel 7 as narrativas que contam a subida de Davi ao poder. Costumamos designá-las de “História da Ascensão de Davi”. Esta História começa em 1Samuel 16 e conclui com 2Samuel 5. No início está a unção do jovem pastor de ovelhas Davi (1Samuel 16) e, no final, a conquista de Jerusalém (2Samuel 5). Entre estes extremos são narrados os episódios do jovem Davi na corte de Saul, sua fuga no deserto, sua estada junto aos filisteus, sua unção como rei de Judá, depois de Israel e, enfim, a conquista e constituição da nova capital: Sião/Jerusalém.⁸ Ao anexar esta cidade, Davi chega ao auge de seu poder. Na parte final desta História de Ascensão, os autores anotam que “Davi ia crescendo em poder cada vez maior” (2Samuel 5,10).

Esta História é muito simpática a Davi. Favorece-o. Apóia-o. Desculpa-o. Não lhe atribui culpa maior na decadência e morte de Saul e seus descendentes. Davi é inocentado diante da debacle da dinastia de Saul. Os saulidas (isto é, a dinastia de Saul) sucumbiram por culpa própria. (Veja, porém, 2Samuel 16,7.8!)

⁷ Utilizei aqui a *Tradução Ecumênica da Bíblia*, São Paulo, Editora Loyola, 1994, 2480p.

⁸ Veja a respeito da História da Ascensão: Martin Noth, *História de Israel*, Barcelona, Ediciones Garriga, 1966, p.174-193.

A 2Samuel 7 seguem as narrativas que contam os últimos anos do reinado de Davi. Chamamo-las de “História de Sucessão de Davi”. Sua conclusão está em 1Reis 2. Em seu final, é constatado: “assim se firmou o reino sob o domínio de Salomão” (1Reis 2,46). Onde começa esta “História da Sucessão”? A questão é discutida na pesquisa. (Há muita bibliografia sobre a História da Sucessão. Veja, por exemplo, Leonard Rost, Gerhard von Rad, Ernst Würthwein.⁹) Há quem veja o início da “História da Sucessão” em 2Samuel 10-12, nas narrações sobre a guerra contra os amonitas e a morte premeditada de Urias. Para outros, 2Samuel 7 teria estado na cabeça. Ao meu ver, a “História da Sucessão” começa com a cena de Mical em 2Samuel 6,20-23 (confira Leonard Rost). Nesta cena é explicado, que Mical não teve filhos. O filho de Mical e Davi teria sido o sucessor, porque Mical era filha de Saul e primeira esposa de Davi. A esterilidade de Mical, por assim dizer, abre a luta pela sucessão de Davi. Esta disputa é a temática da “História da Sucessão”. Amnom é assassinado. Absalão sucumbe ao tentar destronar seu pai. Adonias é suplantado. E, por fim, Salomão assume o poder. E aí também termina a “História da Sucessão”.

Esta “História da Sucessão” não chega a ser propriamente contrária a Davi. Mas, nem de longe, lhe tem a simpatia da “História da Ascensão”. Há críticas. Davi entra em desavença com Mical. Adúltera com Bate-Seba. Manda liquidar Urias. Não sabe solucionar sua sucessão. Apóia-se principalmente em mercenários, não no exército popular, formado por camponeses voluntários. Davi nada tem de heróico. Antes é muito frágil, como pessoa.

Se já há boa dose de crítica a Davi, maior ainda é a oposição a Salomão. Este aparece como matador de seus opositores (1Reis 1-2!). A *“História de Sucessão”* conhece, pois, certa crítica a Davi e faz oposição a Salomão.

2Samuel 7 encontra-se entre a “História da Ascensão” e a da “Sucessão” a Davi. Mas, para bem situar nosso capítulo, fez-se necessário atentar para mais outra particularidade.

Em 2Samuel 6, lemos a respeito da arca. Este capítulo nos conta como a arca é levada de Baalim (= Quiriate-Jearim) para Jerusalém. Ora, a narração de 2Samuel 6 é uma continuação de 1Samuel 4-6, onde lemos a respeito da trajetória da arca de Silo até Quiriate-Jearim (= Baalim). Por-

⁹ Veja as informações bibliográficas acima na nota n.5.

tanto, 1Samuel 4-6 + 2Samuel 6 formam a “História da Arca”, que conta as ‘andanças’ deste símbolo religioso tribal de Silo até Jerusalém, onde é posto “no seu lugar” (2Samuel 6,17).

Portanto, em 2Samuel 6 e 7 confluem as três principais Histórias de 1ª e 2ª Samuel: a “História da Arca” (1Samuel 4-6 + 2Samuel 6), a “História da Ascensão” (1Samuel 16 - 2Samuel 5) e a “História da Sucessão” (2Samuel 6 - 1Reis 2).

Em 2Samuel 6 e 7, temos uma espécie de ‘entroncamento literário’ dos dois livros de Samuel. Formam algo como o ‘nó literário’ destes livros. Concluo, pois, que *2Samuel 7 ocupa um lugar todo especial em 1+2Samuel*.

2. CONTEXTO IMEDIATO

Por conseguinte, para bem avaliar o conteúdo de 2Samuel 7, convém relacioná-lo a seu contexto literário maior, no qual detém lugar tão privilegiado. Mas, relevante também é seu contexto literário mais imediato. Vejamos.

Constato que 2Samuel 5-7 apresenta, em seqüência, os principais momentos do reinado de Davi. Nestes três capítulos, desfilam diante dos olhos do leitor e da leitora os maiores feitos de Davi:

- Davi se torna rei também de Israel (5,1-5), ele que já fora feito rei de Judá (2,1-4). A expansão territorial chega a seu auge.
- Jerusalém é conquistada como nova capital do reino unido de Judá e Israel (5,6-12).
- Os filisteus são vencidos de modo definitivo (5,17-25). O mesmo sucede com outros povos (8,1-18).

Estes três são feitos e resultados políticos bem concretos. Neles a política externa e interna alcança seu apogeu. A eles estão relacionados outros dois acontecimentos, cuja função é a de cimentar e amarrar em nível ideológico as conquistas concretas alcançadas:

- Davi conduz a arca para Jerusalém. Ela é colocada na tenda (6,1-19).
- Natã profetiza dinastia a Davi (7,1-29).

Tanto a transferência da arca para Jerusalém quanto a promessa de Natã estão conectadas às vitórias de Davi no campo político e militar. São decorrentes daquelas. A seqüência dos textos torna-o transparente. A composição literária afiança-o uma vez mais, ao antepor vitórias militares ao cap.6 e ao retornar ao mesmo assunto no cap.8. Para os textos, as vitórias militares de Davi são pré-condições para a transferência da arca (cap.6) e para a promessa profética (cap.7). 7,1-11 afirmam-no expressamente: a promessa é posterior à derrota dos inimigos.¹⁰

Neste contexto mais imediato de nosso capítulo, há ainda uma faceta que merece atenção. O cap.7 é antecedido e como que introduzido pelo desacerto entre Davi e Mical (6,20-23). A função desta cena é de informar que a filha de Saul, Mical, cujo filho seria sucessor 'natural' de Davi, era estéril. Esta informação está em choque com a promessa de dinastia do cap.7. Quem será sucessor? Portanto, a grandiosa promessa do cap.7 é como que introduzida por uma dúvida. Isso chama atenção ainda maior, quando se observa que o cap.9 retorna à temática da casa de Saul. Conta-nos de Mefibosete, neto de Saul, e de seu filho Mica. Ambos são levados por Davi a Jerusalém, onde seus movimentos podem ser controlados. Parece que o rei vitorioso e receptor das promessas de Natã não estava lá tão seguro quanto ao futuro!? Sentia-se ameaçado pelos descendentes de Saul (16,1-4.5-12; 19,24-30; 1Reis 2,36-46). Estranha-se mais ainda, quando nos cap.10-12 Davi recorre à traição contra Urias e ao adultério com Bate-Seba. É estranho que um rei beneficiado com tamanhas profecias, como as de nosso cap.7, seja tão indigno!? Observa-se, pois, que o contexto literário de nosso capítulo, se bem que descreva um guerreiro vitorioso, não nos põe diante de nenhum herói. Davi é gente. Provoca desavenças. Toma suas precauções. Planeja a morte de seu subalterno. A promessa de Natã é dada a uma pessoa deste tipo, gente 'merecedora' de 'vara' e 'açoites' (7,14).

Vimos que 2Samuel 7 ocupa um lugar especial em 1ª e 2ª Samuel. Nítidos são seus laços com seu contexto literário. Apontávamos para os vínculos com seu contexto mais imediato. Concentro minha atenção agora em nosso capítulo.

¹⁰ Vê-se aí quão concreta e sem escapismos idealistas é a historiografia bíblica!

3. SURGIMENTO

É difícil descrever o surgimento de 2Samuel 7. Em discussão está sua pertença à “História da Sucessão”. Uns a afirmam (Leonard Rost). Outros negam-na (Ernst Würthwein). Há quem diga que se trata de uma só unidade (Martin Noth). Há quem pretende fixar-se na percepção de diversas camadas literárias (Fritz Stolz). Há, pois, um profundo desacordo na pesquisa quanto à origem e trajetória de 2Samuel 7.

Aqui não há de ser o espaço para querer solucionar o problema. Apesar disso, faz-se inevitável que, ao menos, se esboce uma avaliação inicial do surgimento do texto.

Começo por constatar que num texto central, como 2Samuel 7 (veja também Êxodo 3-4 e 13-14), costuma ser difícil distinguir exatamente camadas literárias. Acontece que tais passagens devem ter sido muitas vezes retrabalhadas a ponto de se tornar inviável separar camadas. Isso não quer dizer que a obra seja de um só autor. Significa que precisa ser avaliada como produto coletivo, em que diversas gerações foram atuantes. Nela ainda se pode suspeitar e perceber a existência de diferentes autorias e vozes de diversas época, sem que estejamos em condições de defini-los e separá-los com precisão.

Se aplicarmos tais considerações a nosso capítulo, poderíamos admitir que tanto têm razão os que afirmam sua unidade, quanto os que nele detectam diferentes camadas ou tradições. Por um lado, o capítulo, de fato, dá uma impressão de unidade. Não há fissuras profundas. Isso se fala a favor de sua unidade. Por outro lado, há certos saltos e tensões que apontam para o caráter compilatório do conteúdo.

Destas considerações, de caráter mais genético, deduzo que não se deveria insistir em querer separar diferentes camadas literárias. Suponho que avançamos, se tentamos distinguir as diferenças temáticas e os diversos conteúdos presentes em 2Samuel 7.

4. OS TEMAS

Já num primeiro momento, observa-se que o capítulo tem dois assuntos maiores: à *profecia* de Natã (v.3-16) e à *oração* de Davi (v.18-29). Quase a

mesma quantia de textos é usada para cada um dos assuntos; profecia e oração estão em equilíbrio.

As iniciativas partem de Davi: na oração, isso é evidente (v.18). O mesmo acontece também na profecia: Davi se dirige a Natã (v.1-2), e Natã responde (v.3). Somente num segundo momento, após a visão noturna, Natã procura Davi (v.4-17). Esta visão contém o assunto especial e novo. A *profecia* é, pois, a que marca o capítulo. A oração é reação a ela.

O todo do capítulo tem um só núcleo temático. Não me parece haver dúvida de que este é a *promessa de dinastia*. Encontro-a em diversas formulações:

“Javé te anuncia: eis que Javé fará casa para ti.” (v.11)

“Quando teus dias se cumprirem, e descansares com teus pais, então farei levantar de ti teu descendente, que procederá de ti, e firmarei seu reino.” (v.12)

“Estabelecerei o trono de seu reino para sempre.” (v.13b)

“Serão firmados tua casa e teu reino para sempre diante de ti. Teu trono será estabelecido para sempre.” (v.16)

“Também falaste a respeito da casa de teu servo para tempos diferentes e isto é instrução para toda humanidade.” (v.19)

“E agora, Javé Deus, quanto a esta palavra que falaste sobre teu servo e sua casa confirma-a para sempre. E faze como falaste.” (v.25)

“E seja para sempre engrandecido o teu nome e diga-se: Javé dos Exércitos é Deus sobre Israel e a casa de teu servo Davi será estabelecida diante de ti.” (v.26)

“Revelaste aos ouvidos de teu servo o seguinte: edificar-te-ei casa.” (v.27)

“Sê, agora, servido de abençoar a casa de teu servo, a fim de existir para sempre diante de ti, pois tu, Senhor Javé, falaste. E com tua bênção para sempre seja bendita a casa do teu servo.” (v.29)

Este levantamento mostra que a promessa de casa = *dinastia* perpassa o capítulo. Está presente tanto na fala profética de Natã (v.3-16) quanto na oração de Davi (v.18-29). A fala profética, concentra-se nos v.11b-16.

A este tema principal está agregado outro. Pareceria ser seu oposto. Mas, de fato, é no capítulo, seu complemento. Refiro-me à temática da casa = *templo*. Davi se propõe a construí-lo (v.1-2). Inicialmente o rei é confirmado neste seu intuito (v.3), posteriormente é desautorizado a realizá-lo (v.5-7) e, por fim, a tarefa é delegada ao sucessor (v.12-13). Na oração, a temática do templo não aparece. Ao invés disso, a oração por um lado, ressalta a grandeza e incomparabilidade de *Javé* e, por outro, insiste em localizar o reinado davídico dentro da história do povo de Israel. Diante de *Javé*, Davi é servo. Na primeira parte (profecia), há, pois, certa ênfase em relacionar *Javé* ao templo. Na segunda parte (oração), o acento recai sobre qualidades de *Javé*. Tais diferenças, ao meu ver, já impedem que se atribua todo capítulo a um único autor.

Um assunto diferente encontra-se nos v.5-7. Neles, Natã *questiona* a construção do templo, pois *Javé* sempre andou em tenda! Acaso, alguma vez teria mandado construir um templo? A rigor, este questionamento impede a construção de qualquer templo, tanto o que Davi quis edificar quanto o de Salomão. É possível, mas não obrigatório, que tal polêmica contra todo e qualquer templo seja pós-exílica (Isaías 66,1-3; Salmo 50).¹¹

Mas a crítica ao templo justamente também era parte das tradições pré-estatais. Afinal, a própria existência da arca das tribos é uma contestação a um templo. Parece-me mais provável que os v.5-7 provenham do ambiente tribal de tenda e arca, do que da época exílica ou pós-exílica. Estes v.5-7 também estão sob a influência da tradição da arca presente no capítulo anterior, isto é no cap.6.

Temática específica também é a dos v.8-11a. Sua introdução é nova (“agora, pois, assim dirás ao meu servo Davi”). Neles lemos uma breve *retrospectiva da história de Davi*. Afirma que o reinado davídico trouxe paz e tranquilidade. Esta é uma das teses da “História da Ascensão” (1Samuel 16 até 2Samuel 5). Os v.8-11 assemelham-se aos v.5-7. Em ambos há retrospectiva histórica. Porém, seus acentos são distintos. Um contesta o templo;

¹¹ Veja Fritz Stolz, *Das erste und zweite Buch Samuel*, p.222.

o outro confirma o reinado. Um propõe vida migrante, tribal, desinstalada. Outro prefere vida sossegada sob proteção do estado. Dificilmente podemos atribuir estes dois conjuntos (v.5-7 e v.8-11) a uma mesma autoria.

Concluindo, podemos constatar o seguinte: em 2Samuel 7, são abordados *diferentes temas*. Há razoável tensão entre alguns. Isso torna provável que este capítulo tenha tido um longo processo de surgimento.

Um tema sobressai: é o da *promessa de dinastia*. A ele estão correlacionados os demais assuntos. Neste sentido, o cap.7 tem coesão. É uma unidade em torno da promessa dinástica.

5. A HISTORICIDADE DA PROMESSA DE DINASTIA

A promessa de dinastia deve ser o núcleo histórico, a partir do qual surgiu nosso capítulo. Sua formulação literária deve ser posterior. Ela ao menos já conhece o governo de Salomão (v.13) e os insucessos alcançados pelo reinado (v.14). Isso é, diversas facetas e detalhes - como o do v.14a - podem ser relativamente posteriores. Mas, atribuiria caráter histórico ao conteúdo das palavras de Natã.

Há razões que justificam esta suposição. Menciono as mais relevantes: por um lado, a promessa de dinastia de 2Samuel 7 provavelmente já é parte da “História de Sucessão” que, ao meu ver, se estende de 2Samuel 6,20 até 1Reis 2.¹² Afinal, a “História da Sucessão” careceria de um elemento importante, caso não lhe atribuíssemos 2Samuel 7. Pouco sentido faz, vê-la iniciar em 2Samuel 10-12.¹³

Esta “História da Sucessão” é da época de Salomão, pois, em tempos posteriores a este rei, dificilmente lhe fariam uma crítica tão aguda como a que está em 1Reis 2, onde Salomão é incriminado de haver promovido uma verdadeira chacina.

Por outro lado: diversos textos retomam a promessa de dinastia de 2Samuel 7. Encontro-a referida em Isaías 7,9b. Aí Isaías põe o davidida Acáz, rei na segunda metade do 8º século, diante de um ultimato com as

¹² Veja Leonard Rost, diferente de Ernst Würthwein (veja os dados bibliográficos acima, na nota n.5).

¹³ Como procede Ernst Würthwein (veja acima, nota n.5).

palavras: “se o não crerdes, certamente não permaneceris”. Estas palavras isaianicas são uma alusão às palavras de Natã. Também o Salmo 132 e outros salmos referentes à realeza remetem para Natã. Tais Salmos - sempre difíceis de datar - certamente são do período da monarquia. Mostram que as promessas de Natã eram conhecidas. Pressupõem-nas.

Além disso há que salientar ainda: a promessa de que dinastia combina muito bem com o que conhecemos de Natã. 2Samuel 10-12 e 1Reis 1-2 no-lo apresentam como deveras próximo à corte. Se bem que saiba ser crítico a desvios do monarca Davi (2Samuel 12,1-4.5), está plenamente integrado à vida, aos problemas e interesses da corte real. Foi tutor de Salomão (2Samuel 12,25)! Articula a própria tomada de poder por parte de Salomão (1Reis 1). Por isso tudo, o conteúdo central de 2Samuel 7 combina bem com o que conhecemos de Natã.

Estes argumentos dão-nos o direito de atribuir a promessa de dinastia aos davididas ao profeta Natã. *O davidismo é formulação de Natã!*

6. PROMESSA DE DINASTIA - CONTEÚDOS DA PROFECIA DE NATÃ

Passemos a descrever os *conteúdos* e a especificar as *peculiaridades* da promessa de Natã. Quais são seus principais traços?

Primeiro: promessa de dinastia

A profecia de Natã tem como alvo constituir a *dinastia de Davi*; suas palavras são o berço da “casa de Davi”. Este é o conteúdo primeiro deste nosso capítulo.

Natã não inventa a idéia da dinastia. Convém que isso seja dito expressamente. Dinastias existiam nos povos circundantes, bem antes da criação da monarquia israelita. As cidades-estado cananéias das planícies, desde longa data, haviam-se habituado a dinastias. Conheciam-nas os povos vizinhos. As próprias tribos israelitas vivenciaram experiências dinásticas antes de Davi, como o atestam Juízes 8-9. Inclusive para Saul o reinado era dinástico, como se vê em 1Samuel 20,30-31 e 2Samuel 1,8-10.

Natã não é, pois, nem de longe, o primeiro a propor uma dinastia. Outros lhe antecedem. O próprio Davi não terá constituído a nova grandeza

política formada de Judá, Israel e Jerusalém, sem prever uma sucessão. Os contextos nada mencionam, mas a seqüência dinástica está na própria lógica da política davídica, descrita até 2Samuel 6. Poder-se-ia, pois, dizer que a promessa dinástica de Natã não surgiu de repente. Não caiu do céu! Formula o que está implícito na trajetória de Davi.

Segundo: promessa dinástica no auge do poder

Davi recebe a promessa dinástica no auge do poder: recebe-a como rei de Judá e Israel, como vencedor dos filisteus e outras nações vizinhas, como fundador da nova capital Jerusalém, como patrono da arca. Talvez seja o momento histórico, no qual os exércitos judaítas e israelitas alcançaram estabeleceram as fronteiras mais amplas. O próprio cap.7 realça esta expansão de poder (v.1.9-10). Não deixa de ver sua extensão. O davidismo nasce, pois, em 2Samuel 7 em continuidade, não em diferença ao poder político e militar vitorioso.

Pode-se dizer que o davidismo (à luz de 2Samuel 7) não tem nenhuma proximidade com fraqueza. A partir de 2Samuel 7, seria inviável deduzir um sentido messiânico da morte do servo sofredor de Dêutero-Isaías (refiro-me aqui a Isaías 42,1-4; 49,1-6; 50,4-11; 52,13-53,12 e 61,1-11. Nosso cap.7, transpira um clima adverso ao messias manifesto em meio a fraquezas e fragilidades (veja Isaías 7-9 e Zacarias 9,9-10).

Terceiro: o primogênito?

A promessa de Natã não determina o primogênito como sucessor. Nada diz sobre a linha de sucessão.

O normal terá sido a sucessão pelo primogênito. Afinal, este era o costume de herança nos clãs. Entre eles o primogênito era merecedor de regalias (confira Gênesis 27). A própria "História da Sucessão" (2Samuel 6 até 1Reis 2) mostra que a primazia do trono cabia ao filho mais velho.

Se bem que o primogênito terá tido alguma preferência na sucessão, fato é que os autores dos livros de 1º e 2º Reis não dão valor maior à primogenitura por ocasião da sucessão. Filhos mais jovens também alcançavam o trono. É o que já ocorre em Salomão, que suplanta Adonias, seu irmão mais velho. O mesmo aconteceu em outras sucessões. (Veja, por exemplo, Jeoacaz em comparação com Jeoquim, em 2Reis 23,31.36.)

A promessa de Natã não estabelece a primogenitura como linha de sucessão. Exige, contudo, que seja um davidida, isto é, um dos descendentes de Davi. Por ocasião, de cada transmissão de poder podia, pois, ocorrer alguma alternância de ênfase política, dependendo do davidida que alcançasse o mando. A sucessão dinástica davídica continha, pois, algum espaço para a luta pelo poder. Este espaço - por certo restrito - não deixa de ter sua relevância, em Judá. A duração da dinastia davídica no poder em Jerusalém, certamente, se valeu da possibilidade de disputas internas.

A linha de sucessão, em todo caso, é patrilinear. O sucessor será um “filho” (v.14), um descendente, um homem. As mulheres não estavam incluídas. Se bem que Judá tenha sido governado por Atalia¹⁴, uma mulher, durante sete anos, esta não era de descendência davídica (2Reis 8,26) e, além disso, foi considerada usurpadora do trono (2Reis 11). Portanto, a promessa de dinastia a Davi excluía as mulheres. Pelo que se saiba, não há um messianismo davídico que fosse inclusivo. Pelo que consta, o davidismo sempre foi tradição de homem.¹⁵

Quarto: o davidismo como tradição palaciana de Jerusalém

A promessa de dinastia para Davi surgiu, de acordo com 2Samuel 7, em Jerusalém. É *tradição jerusolemitana* (isto é de Jerusalém).

Pode-se localizá-la até mais exatamente. A cena entre Davi e Natã se desenrola *no palácio de Jerusalém* (v.1-7). Além de ser jerusolemitana, a promessa dinástica aqui, é *palaciana*. *O berço do davidismo, proclamado por Natã é, pois, o palácio real da capital*. Talvez se possa ir um passo além. Isso depende da origem do profeta Natã. 2Samuel 7 é o primeiro texto que o menciona. Conheçemo-lo ainda de 2Samuel 12 e 1Reis 1. Estes textos nada nos dizem sobre sua origem. Permitem, no entanto, algumas deduções. Natã somente aparece em cena, quando Davi já está em Jerusalém. E sempre manteve vínculos estreitos com o palácio, a ponto de ser o articulador da posse de Salomão (1Reis 1). Isso ao menos permite que se suspeite que Natã - à semelhança de Zadoque, o sacerdote da época - já era habitante

¹⁴ Veja a dissertação de mestrado de Rita de Cácia Lô, *Atalia rainha de Judá – Uma leitura exegética e histórica de 2Reis 11,1-3.13-16*, São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 2003, 95p.

¹⁵ Veja, contudo, a tradição da mãe do rei em Judá, por exemplo em Herbert Donner, *História de Israel e dos povos vizinhos*, São Leopoldo/Petrópolis, Editora Sinodal/Editora Vozes, vol.1, 1997, p.290-292 (veja em especial nota n.9 na p.291).

de Jerusalém antes de esta ser conquistada por Davi. Por este motivo teria apoiado tão prontamente a construção do templo (v.1-2).¹⁶

Se esta suspeita conferir, podemos afirmar que a promessa dinástica também deve ter raízes *jebusitas*, portanto cananéias. Jebusitas são os moradores de Jerusalém antes de sua conquista por Davi. Esta hipótese tem certa possibilidade histórica, talvez até uma boa probabilidade. Ressalto porém, que não passa disso.

Em 2Samuel 7, o davidismo nasce, pois, jerusalemita e, talvez jebusita/cananeu! Esta possibilidade diverge, por exemplo, daquela que conhecemos de Gênesis 49 ou de Miquéias 5!

Quinto: dinastia e templo

A promessa de “casa” para Davi tem certa relação com o *templo*. O próprio cap.7 a evidencia. A cena começa com a discussão sobre a construção de um templo (v.1-3.4-7). A promessa de Natã culmina em dupla afirmação que, simplificando, tem o seguinte teor: Javé fará “casa” para Davi (v.11), e o filho de Davi (= Salomão) a fará para Javé (v.13). Também o cap.6 mostra que a promessa a Davi está relacionada ao centro cultural. Afinal, a arca trazida a Jerusalém transforma a capital política no centro religioso mais importante, no qual está sediado o símbolo maior das tribos do norte. Por ora, esta arca ainda está na tenda. Tais observações mostram quão próximos estão promessa dinástica e templo.

Mas, por mais próximos que estejam, não são idênticos. São diferentes! O cap.7 é a evidência disso. Nele se contesta a construção do templo (de modo radical nos v.4-7, de modo provisório no v.13) e se viabiliza a dinastia. Esta até mesmo aparece como substituto da intenção de construir um santuário.

Ainda que davidismo e templo estejam próximos ao nosso capítulo e em outros textos, quase se identificam (veja Salmo 2; 45; 132), e de modo algum estão sobrepostos ou justapostos. Não são idênticos. Podem andar caminhos próprios. Não precisam sincronizar.

¹⁶ Veja Milton Schwantes, “Natã precisa de Davi - Na esperança da igreja profética”, em *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, vol.18, 1978, p.99-118.

Esta *diferença entre promessa dinástica e teologia de santuários*, já presente em 2Samuel 7, é decisiva para o desdobramento da esperança messiânica. Ela, de berço não foi idêntica à afirmação de santuários. O davidismo manteve sua alteralidade em relação ao lugar sagrado, ao templo! Isso é importante, por exemplo, para a compreensão, por exemplo, de Isaías 6-9, ou, de modo neo-testamentário, da cruz de Cristo.

Sexto: um Davi para Israel

A dinastia davídica terá *Israel* como seu espaço. Todo cap.7 somente se refere a Israel, nunca a Judá, o que surpreende. Pois, sendo dito a respeito de alguém como Davi, que nascera no sul (Belém) e que ascendeu ao poder real a partir do sul (= Judá), esperar-se-ia alguma alusão a Judá, ainda mais que, no decorrer da história, o davidismo de fato se tornou um fenômeno judaíta.

Lógico, ao falar de Israel, nosso capítulo vê Judá incluído (o que não precisa ser o caso no cap.6). Isto quer dizer que 2Samuel 7 usa o termo “Israel” em sentido histórico-teológico. É designativo do conjunto de todas as tribos. A promessa de Natã já postula, pois, a validade do davidismo também para o norte. A perspectiva do davidismo é *israelita* ou pan-israelita, não é exclusivamente judaíta.

O v.19 dá um passo a mais. Entende a promessa davídica como “orientação para a *humanidade*”. O davidismo torna-se aqui inclusivo. Deixa de ter limites israelitas. Também encontramos este acento em salmos (veja Salmo 2; 110). A formulação do nosso v.19 pode ter sido influenciada pelos Salmos e também por Dêutero-Isaías (42,1-4!). Em todo caso, a universalidade atribuída ao davidismo no v.19 é digno de nota, ainda que seja dito de uma maneira um tanto secundária, pouco enfática.

Sétimo: o davidismo está enraizado no povo

A promessa de dinastia não tem função autônoma. Não é uma afirmação que isola a “casa” davídica. Refere-se aos descendentes de Davi conquanto correlacionados a Israel, *ao povo*. O davidismo não tem função em si, tem-na na relação com o povo. É uma representação da história de Israel.

O texto o salienta de diversas maneiras. Menciono algumas. O argumento para negar a construção do templo é fornecido, nos v.4-7, pelas experiências obtidas no deserto. Também o reinado de Davi não teve função em si, como

no-la contam os v.8-11a. Sua tarefa é a de propiciar sossego e descanso a todos. O rei promove o povo. “*Planta*”-o! Não o “perturba” (v.10)! Na oração de Davi (v.18-29), esta conexão entre a história de Israel e a emergência da dinastia davídica volta a ser ressaltada, de maneira toda especial: a “*casa de Davi está inserida na história de Israel*” (confira v.23-24 com v.25!). A grandeza de Javé, a criação de Israel e a promessa de Davi formam uma só entidade. São distintos elos de uma mesma corrente.

O davidismo está, pois, enraizado na trajetória do povo. Confirma-a não a desvirtua. Se fosse desvirtuar a trajetória do povo, tornar-se-ia supérflua, ilegítima. Na verdade, nosso capítulo pouco reflete sobre o descompasso entre povo e davidismo (veja v.14). Não o enfoca. Outros textos tematizam este desacerto entre os descendentes de Davi e o povo. A grande Obra Historiográfica Deuteronomística¹⁷ (Deuterônômio até 2Reis) privilegia este aspecto do davidismo: o contínuo desacerto entre os davididas e o povo de Deus. Em relação a 2Samuel 7, há que acentuar: *povo e “casa” de Davi estão profundamente integrados*. Este nosso capítulo não respeita os ares da Obra Historiográfica Deuteronomística e nem os de vários profetas, mas os da “História da Ascensão”, onde Davi é o representante aclamado.

Oitavo: dinastia “eterna”

Natã profetiza uma dinastia “para sempre” (ou: “até a eternidade”). Este “para sempre”/“até a eternidade” é repetido cinco vezes: v.13-16(2x).25.29. No v.15, o “para sempre” é circunscrito pelo contraste com Saul; a “casa” de Davi não será abandonada como a de Saul.

Além disso, o “para sempre”/“até a eternidade” é outras vezes retomado. No v.26, o nome de Javé será “para sempre”/“até a eternidade”. A dinastia que é “para sempre” está, pois, conectada a um povo que é “para sempre” e foi anunciado por um Deus que é “para sempre”.

¹⁷ Veja a respeito Martin Noth, “O deuteronomista”, em Revista Bíblica Brasileira, Fortaleza, Nova Jerusalém, vol.10, 1993, p.13-183 (original: Überlieferungsgeschichtliche Studien - 1. Die sammelnden und bearbeitenden Geschichtswerke im Alten Testament, Halle, Max Niemeyer, 1943. 224p.). Sobre o assunto do deuteronomismo, veja José Luiz Dietrich, Shigeyaki Nakano e Francisco Orofino, Primeiro livro de Samuel – Pedir um rei foi nosso maior pecado, Petrópolis, Editora Vozes, 1999, 313p. (Comentário Bíblico – AT).

“Para sempre” significa, como se lê no v.19, “para tempos distantes”. A dinastia é para tempos longínquos. Durará até onde alcança nossa experiência e compreensão do tempo. É constante.¹⁸

Víamos que a promessa transcende Judá e Israel; alcança a humanidade toda (v.19). Em semelhança a esta sua abrangência geográfica, acabamos de ver sua extensão na profundidade do tempo.

Nono: "ele me será por filho" - Promessa de filiação

O v.14a estabelece uma relação: “eu (= Javé) lhe serei por pai, e ele me será por filho”. O sucessor de Davi não é propriamente intitulado “filho”, como lemos no Salmo 2,7 (“tu és meu filho”). Naquele salmo, a designação de “filho” é título honorífico. Aqui, no v.14, sucede algo semelhante. O sucessor de Davi implicitamente também é declarado “filho”, mas o acento, a rigor, não recai sobre o título, mas sobre a relação: pai-filho.

Mas, talvez nem seja o mais adequado falar aqui de relação. E isso se deve à origem da formulação de nosso v.14. A frase: “eu lhe serei por pai, e ele me será por filho” é uma aplicação concreta da promessa do pacto: “tomar-vos-ei por meu povo, e serei vosso Deus” (Êxodo 6,7; Jeremias 31,33). O que em Êxodo 6,7 e outros textos similares é dito a respeito da ‘relação’ entre “Deus” e “povo” é aqui, em 2Samuel 7, aplicado à relação Deus = “pai” e Salomão/rei = “filho”. Podemos pois, dizer que nosso v.14 fala do ‘pacto’ entre Deus e Davi/Salomão/rei. Contudo, a expressão ‘pacto’ ou aliança, em português, não é muito feliz, já que pressuporia parceiros de igual nível. Não sendo este o caso na relação entre Deus e as pessoas de Davi/Salomão/rei, convém que se fale de promessa. *2Samuel 7 instaura a promessa de relação filial entre Deus/pai e davididas/filhos*. O Salmo 2,7 é uma aplicação desta promessa.

Penso que esta formulação específica da relação Deus-davididas poderia ser relativamente tardia. A pesquisa mais recente tem evidenciado que a ‘teologia do pacto’ é bastante tardia. Remota ao século anterior à destruição (em 587 a.C.) e tem seu auge no exílio.¹⁹ Parece-me que também a for-

¹⁸ Veja Ernst Jenni, “Eternidad”, em *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, Madri, Cristiandad, vol.2, 1985, columnas 308-309.

¹⁹ Veja Lothar Peritt, *Bundestheologie im Alten Testament*, e Pedro Kramer, *Teologia da Berit na exegese dos últimos cinquenta anos*.

mulação do v.14b - que abordo a seguir,- indica para a formulação recente do v.14a.

Décimo: transgressão e castigo aos davididas

O v.14b já prevê transgressão e castigos aos descendentes de Davi. Com isso, no mínimo 1Reis 11-22 (a infidelidade de Salomão e a divisão do reino unido) já estão pressupostos. Ao meu ver, este v.14b inclusive tem em mente o todo da história do reinado até o exílio. Sua linguagem é deuteronomística, isto é, remonta àquelas pessoas que colecionaram a história dos reis, nos tempos do exílio, no 6º século.

Mais importante que esta datação é observar certa particularidade nas ameaças do v.14b: “se o filho vier a transgredir, castigá-lo-ei com varas de homens, e com açoites de filhos de homens”. Aí se prevê *castigos* para transgressões. Poderá haver correções de erros. Contudo, não haverá eliminação. Não haverá suspensão da promessa que, em si, é “eterna”/“para sempre”.

Se bem que a promessa de um davidida apareça como intocável, os davididas individualmente são tocáveis. Vê-se aí, novamente, que o davidismo de modo algum foi uma aprovação genérica do mando político. Mantém espaço para críticas. Quão críticas estas reservas puderam ser, lemos na Obra Historiográfica Deuteronomística e na profecia.

Décimo primeiro: a oração, como característica do que há de vir

Já mencionávamos que o cap.7 se subdivide em dois momentos principais: fala profética (v.3-17) e oração (v.18-29). A postura fundamental do receptor da promessa é, pois, o da *oração*. Isso já em si é significativo. Se bem que a profecia de Natã alcance Davi no ápice de seu poder, a resposta davídica se dá em forma de oração, na fragilidade de quem, pela oração, coloca tudo nas mãos de Deus.

Muitos outros textos bíblicos nos apresentam Davi como pessoa de oração. Enfatizam-no relatos antigos, como por exemplo: 2Samuel 1; 23 e 24. Ressalta-o o saltério, que relaciona a maioria das orações com Davi (confira também 2Samuel 22). Nos livros de Crônicas, esta tradição é novamente realçada (1Crônicas 16 e 29). Também os sucessores de Davi mantêm a atitude de reis que oram. Aponto para Salomão (1Reis 3 e 8), Ezequias (2Reis 19 e Isaías 38) e para a piedade de Josias (2Reis 22-23).

Para várias tradições vétero-testamentárias, Davi e seus sucessores são gente da oração. O davidismo é também um movimento da piedade, da oração. Neste aspecto ao menos, desde o início, não é mera teologia do poder. Não só confirma o poder real alcançado. Esvazia-o também, pois oração é atitude de pedinte, postura de quem recebe. Portanto, não é acaso que Davi se auto-designa de “servo”/“escravo”, na oração dos v.18-29!

CONCLUSÃO

Resumo dos conteúdos

Demorei-me na descrição das características da profecia de Natã. Parecia-me relevante fazê-lo, porque 2Samuel 7 desempenha papel muito relevante na expectativa messiânica, formulada desde Jerusalém. Passo ao *resumo*:

1) A promessa de dinastia é o conteúdo principal da profecia de Natã em 2Samuel 7.

2) A promessa alcança Davi no auge do poder, como senhor em Judá e Israel e vitorioso sobre as nações circundantes.

3) Esta promessa de “casa”/dinastia não diz respeito, de modo exclusivo, ao primogênito, se bem que habitualmente a sucessão terá seguido as leis da primogenitura.

4) A promessa de Natã representa uma voz jerusolemitana (isto é, de Jerusalém) e palaciana, talvez até jebusita (= cananéia).

5) A expectativa de “casa/dinastia independe do templo de Jerusalém, se bem que lhe está próxima.

6) A perspectiva do davidismo é israelita. Não é só judaíta.

7) A promessa de dinastia não está isolada da eleição do povo de Israel. Há correlação entre o povo de Deus e o reinado davídico.

8) Natã prenuncia uma “casa” duradoura, uma dinastia “para sempre”.

9) A promessa de uma dinastia davídica corre paralela à promessa da eleição do povo. A frase “eu (= Javé) lhe serei por pai, e ele me será por filho” deriva da frase: “tomar-vos-ei por meu povo, e serei vosso Deus”.

10) O davidismo não equivale à aceitação incondicional dos davididas. O davidismo vale “para sempre”, os davididas são passíveis de “varas” e “açoites”. O davidismo admite críticas.

11) A recepção de promessa se dá da parte de Davi, em oração (isto é, em fragilidade e servidão).

2Samuel silencia sobre alguns temas. Dois chamam especial atenção. Por um lado, não há nenhuma referência a Judá. A perspectiva preponderante é a de Jerusalém e de Israel. Por outro lado, a unção não é mencionada; o descendente de Davi não é expressamente identificado como sendo “ungido”/“messias”.

De fato, 2Samuel 7 não é ponto suficiente para o davidismo. Tanto há lacunas, quanto a perspectiva se restringe à de Jerusalém. Devemos, pois, também localizar outros caracteres do messianismo e perguntar se existem outras óticas além da de Jerusalém que viemos a conhecer a partir de 2Samuel 7.

Milton Schwantes

Doutor em Teologia Leciona na Universidade Metodista de São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

- DIETRICH, José Luiz; NAKANOSE, Shigeyaki; OROFINO, Francisco. *Primeiro livro de Samuel: pedir um rei foi nosso maior pecado*. Petrópolis, Editora Vozes, 1999, 313p. (Comentário Bíblico – AT).
- JENNI, Ernst. “Eternidad”, in *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, Madri, Cristiandad, vol.2, 1985, columnas 308-309.
- KRAMER, Pedro. *Teologia da Berit na exegese dos últimos cinqüenta anos*.
- NOTH, Martin. “O deuteronomista”, em *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, Nova Jerusalém, vol. 10, 1993, p.13-183 [original: Überlieferungsgeschichtliche Studien - 1. Die sammelnden und bearbeitenden Geschichtswerke im Alten Testament, Halle, Max Niemeyer, 1943. 224p.]
- PERLITT, Milton Lothar. *Bundestheologie im Alten Testament*